

A FORTUNA COMO “RELIGIÃO” NA FILOSOFIA DE MAQUIAVEL

FORTUNE AS “RELIGION” IN MACHIAVELLI’S PHILOSOPHY

Bruno Alexandre Cadete da Silva

Resumo: A *fortuna* é uma das concepções mais importantes da filosofia maquiaveliana. Apesar de o conhecimento sobre essa deusa romana, a *fortuna*, ser anterior a obra de Maquiavel, podemos compreender como a teoria do autor florentino se torna responsável pela sua demasiada exposição. Portanto, essa matéria tem sido devidamente analisada por mais de quinhentos anos, isto é, desde a publicação das principais obras de Maquiavel, formando diferentes apreciações. Notadamente, não pretendemos findar as variáveis possibilidades sobre a composição da *fortuna*, mas, sim, oferecer mais uma chave de leitura que consiste no entendimento de *fortuna* como um modelo de “religião” em que a crença em algo tido como cosmológico se revela, em nossa compreensão, como uma metáfora, dentre outros sentidos, para evidenciar a ausência – e os limites – do agir político. O presente artigo adota uma metodologia teórico-descritiva, priorizando uma investigação interna, textualista em que temos como alicerce os seguintes escritos de Maquiavel: *O Príncipe* e *Di Fortuna*.

Palavras-chave: Maquiavel. Fortuna. Religião. Metáfora.

Abstract: *Fortune* is one of the most important concepts in Machiavellian philosophy. Although knowledge about this Roman goddess, *fortune*, predates Machiavelli’s work, we can understand how the Florentine author’s theory becomes responsible for its excessive exposition. Therefore, this subject has been duly analyzed for more than five hundred years, that is, since the publication of Machiavelli’s main works, forming different appreciations. Notably, we do not intend to eliminate the variable possibilities regarding the composition of *fortune*, but rather to offer another key to reading that consists of understanding fortune as a model of “religion” in which the belief in something considered cosmological reveals itself, in our understanding, as a metaphor, among other meanings, to highlight the absence – and the limits – of political action. This article adopts a theoretical-descriptive methodology, prioritizing an internal, textualist investigation in which we have as a foundation the following writings by Machiavelli: *The Prince* and *Di Fortuna*.

Keywords: Machiavelli. Fortune. Religion. Metaphor.

INTRODUÇÃO

O conceito de *fortuna* desempenha um importante papel na obra de Maquiavel. A intelecção sobre essa matéria segue na mesma esteira polissêmica de outros termos maquiavelianos. De início, torna-se possível reconhecer a *fortuna* como sinônimo de: acaso, sorte, destino, providência, entre outras atribuições. No que se refere à apresentação da *fortuna* no contexto maquiaveliano, podemos encontrá-la, em grande quadro, personificada como alguma forma de fenômeno natural: terremotos, enchentes, entre outros (PITKIN, 1984, p. 141) sendo, assim, a *fortuna* uma espécie de metáfora (PITKIN, 1984, p. 141)¹ que serve para apresentar lições presentes no agir político do contexto maquiaveliano, em especial as ações que estão além do cálculo político. A expressão máxima da *fortuna* é construída, como veremos em breve, quando a relacionamos ao outro partícipe da mais célebre diáde de teoria de Maquiavel: a *virtù*.

A interpretação de *fortuna* flutua em diferentes esferas, sendo, dessa maneira, a sua significação um espaço de disputa por parte de diferentes correntes sobre o pensamento de Maquiavel no que se refere à sua obra política e, até mesmo, outros escritos de cunho literário, poético e histórico. A definição de *fortuna* depende, de certo modo, de sua adequação aos diferentes contextos que podem ser encontrados nos exemplos históricos e políticos presentes na filosofia de Maquiavel.

Além disso, esse conceito, a *fortuna*, pode ser examinada de forma isolada, isto é, sem uma associação direta com determinado episódio. No que concerne ao seu sentido metafórico, a *fortuna* pode ainda ser representada como uma alegoria cosmológica. A cosmologia se tornou uma disciplina bastante comum no período Renascimento, servindo para exemplificar acontecimentos históricos em um sentido mais abstrato (PANCERA, 2017, p. 196). Todavia, quando inserida no realismo político vigente na filosofia política de Maquiavel, a *fortuna*, demonstra que está além de ser uma mera cosmologia,² representando, de fato, uma ação – ou ausência de ação – política.

A FORTUNA COMO METÁFORA

No que concerne à condição de metáfora, a *fortuna*, deusa romana de antiguidade clássica, apresenta-se nas linhas argumentativas da obra política de Maquiavel como uma força impetuosa, volitiva (MACHIAVELLI, 2018, p. 2469), da qual decide, aos seus próprios critérios, o destino dos cidadãos e, por conseguinte, de suas cidades. A *fortuna*, então, pode ser analisada como, dentre os seus diferentes sentidos, a detentora do acaso – o que é imprevisível –, bem como a *fortuna* pode personificar o próprio acaso. Desse modo, a *fortuna* é classificada, dependendo dos seus resultados, como boa ou má, sendo “responsável” pelo selo de grandeza ou ruína que atinge desde membros da população, até aqueles que estão à frente de uma ordem: os governantes (MACHIAVELLI, 2018, p. 2469). Sobre a força e a disposição da *fortuna*, coloca Maquiavel.

1 Para uma compreensão geral sobre o uso de metáforas na obra de Maquiavel conferir AMES (2014).

2 Sobre haver ou não uma cosmologia na filosofia de Maquiavel conferir PANCERA (2017).

Comparo-a [a fortuna] a um desses rios impetuosos que, quando se encolerizam, alagam as planícies, destroem as árvores, os edifícios, arrastam montes de terra de um lugar para outro: tudo foge diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, sem poder obstar-lhe e, se bem que as coisas se passem assim, não é menos verdade que o modo que, em outra cheia, aqueles rios correrão por um canal e o seu ímpeto não será tão livre nem tão danoso. Do mesmo modo acontece com a fortuna; o seu poder é manifesto onde não existe resistência organizada, dirigindo-a a sua violência só para onde não se fizeram diques e reparos para contê-la (MAQUIAVEL, 2004, p. 103).

Desse modo, podemos interpretar a *fortuna* como uma força incontrolável, sem predileções, designando de forma arbitrária a sua vontade sobre aqueles que recebem a sua influência. Na ocasião em que a *fortuna* se apresenta de forma favorável, os eleitos devem ter o discernimento sobre a sua “boa sorte” e, assim, demonstrar o seu reconhecimento através de suas ações, isto é, utilizando a sua *virtù* para melhor reverenciar a sua presença. Do mesmo modo, a *fortuna* reage de forma contrária para aqueles que não se tornaram dignos de suas dádivas, ficando estes, limitados as condições que lhe foram impostas. A *fortuna* é o que permite a *virtù* duvidar de si e, portanto, se elevar diante da ocasião (PITKIN, 1984, p. 165).

A *fortuna* não oferece garantias (MACHIAVELLI, 2018, p. 2469). Os “ventos” favoráveis podem mudar e submeterem, severamente, os antes *afortunados* aos desconhecidos males (STRAUSS, 2015, p. 270). Neste sentido, mais do que esperar ser agraciado pelo acaso, o agente político deve ser independente do mesmo, conquistando a sua estabilidade diante de todo possível devir (STRAUSS, 2015, p. 272), promovendo, assim, uma contenção ativa (PITKIN, 1984, p. 144; POCOOCK, 2021, p. 191). Apesar da altiva força da *fortuna*, Maquiavel demonstra algumas medidas para conter os seus dispêndios visto que, por demasiado poder, torna-se laborioso evitar ao menos uma mínima contrariedade. Sobre a força da *fortuna*, pontua Maquiavel: “sua natural potência cada homem obriga, e seu reino é sempre violento, se uma excessiva *virtù* não a suaviza (tradução nossa)” (MACHIAVELLI, 2018, p. 2469).

Ainda no sentido metafórico, os “diques”, como expressão de *virtù*, surgem como formas de minimizar as adversidades (BENEVENUTO, 2017, p. 131). No realismo político de Maquiavel, esses “instrumentos” de contenção servem para se ater as ações que vão além do cálculo político, sendo a prudência o primeiro elemento de reação ao desconhecido. Isto posto, quando os agentes políticos não têm a possibilidade de conseguir um domínio integral sobre as ações impostas pela *fortuna*, faz-se imprescindível agir com prudência, antecipando-se aos momentos de desequilíbrio, minorando, assim, os ruidosos efeitos do acaso. Desse modo, apenas os indivíduos dotados de *virtù* conseguem obter o melhor resultado de qualquer evento.

Além da filosofia política de Maquiavel, podemos analisar, de forma breve, a sua teoria literária através de sua obra: *A vida de Castruccio Castrani de Lucca* como a prudência deve agir. Sobre isso, coloca Maquiavel: “acredito que isso se origine do fato de a fortuna querer mostrar ao mundo que é ela, e não a prudência, que faz os homens grandes; para tanto, começa a mostrar suas forças na época em que a prudência não

pode desempenhar nenhum papel; ao contrário, é a fortuna que tudo deve ser reconhecido” (MAQUIAVEL, 2007, p. 559-560). Com efeito, a *fortuna* age nos espaços em que não há prudência, quando os seus limites estão estabelecidos.

No sentido instrutivo da obra política de Maquiavel, a *fortuna* pode ser interpretada como uma espécie de crença pertencente, de certa maneira, ao campo transcendental (FICHTE, 2010, p. 71). Desse modo, a semelhança da *fortuna* com a religião se traduz na confiança em algo que está além das ações dos discernimentos humanos, estando inserida em uma diferente ordem. No contexto histórico da Itália renascentista, cria-se, de modo efetivo, entre os cidadãos italianos de qualquer estirpe intelectual, social, entre outros, a crença nas divindades, transitando entre o Deus cristão, representado institucionalmente na própria região pelo papado, como também através da manutenção das concepções antigas nos mais diferentes deuses, dentre estes, a antiga – e ainda presente – deusa romana fortuna (HALE, 1963, p. 29).

A *fortuna* como religião se manifesta como uma “semitologia” (STRAUSS, 2015, p. 269). A crença na mudança, na ocasião (MACHIARELLI, 2018, p. 2471; DE GRAZIA, 1993, p. 164), faz com que os italianos do Renascimento a conceituem, a *fortuna*, como uma espécie de doutrina. Neste sentido, sobre a construção da *fortuna*, concordamos com a definição de Hannah Pitkin: “o conceito de fortuna é assim primeiro personificado e (quase)-deificado, feito em um substituto para todas as divindades anteriores; até que seja secularizado e desmistificado, minando assim toda crença transcendente” (1984, p. 162).

Ainda no aspecto metafórico, a *fortuna* é uma deusa de tão elevada estirpe que faz até mesmo Júpiter, tido como o mais poderoso dos deuses romanos, temer o seu poder (MACHIARELLI, 2018, p. 2470). Todavia, no limiar entre a deificação – como providência divina (SKINNER, 1996, p. 116) – e a secularização da *fortuna*, torna-se possível compreender como esse “recurso pedagógico”, a *fortuna*, age nas linhas argumentativas de Maquiavel, sendo possível até-a a posição da personagem mais importante da obra política de Maquiavel (PITKIN, 1984, p. 140).

No momento em que a *fortuna* é denominada como um mal, há a personificação de uma substância para uma entidade. Assim, prossegue Maquiavel: “porque todo mal que vos ocorre se atribui a ela; e se algum bem o homem encontra, crê tê-lo adquirido por sua própria virtude (tradução nossa)” (MACHIARELLI, 2018, p. 2471). Dessa forma, as adversidades são provenientes do acaso e o êxito das ações reflete a qualidade dos agentes políticos, não havendo, assim, responsabilidade sobre o que foge ao cálculo político.

Apesar disso, um dos acontecimentos mais significativos do período do Renascimento se encontra no distanciamento das questões metafísicas, após haver, de certo modo, o regresso do gênero humano ao centro das reflexões mais importantes da época. Dessa forma, as questões terrenas, imersas no realismo político da época, retornam ao interior do debate pelos cidadãos, suscitando um novo direcionamento na capacidade de reflexão (HELLER, 1982, p. 66). Portanto, mesmo em um período dominado pela religião cristã, os cidadãos se mantêm, segundo o que podemos analisar da interpretação de Maquiavel, como responsáveis por seu agir político. A responsabilidade pelo próprio agir político é uma das expressões tangíveis de *virtù* e, por conseguinte, uma oposição direta à *fortuna*, sobretudo quando reconhecemos que tanto a astúcia quanto a prudência pertencem à *virtù*.

A DÍADE MAQUIAVELIANA: *FORTUNA VERSUS VIRTÙ*

A díade estabelecida entre *virtù* e *fortuna* é a mais importante da obra política de Maquiavel. No início da pesquisa, colocamos que a dicotomia fundação e manutenção seria uma das esferas mais importantes da obra política de Maquiavel e ainda mantemos essa consideração. Dessarte, no que se refere aos principados, a relação entre *virtù* e *fortuna* se faz medular no binômio fundação e manutenção, pois são os resultados das ações dos personagens históricos e políticos da teoria política de Maquiavel que determinam a sua posse de *virtù* e a manutenção do estado, no sentido de conjuntura, é o indício mais significativo.

A posse da *virtù* – leia-se também: a sua busca – concerne, em nossa análise, às ações reproduzíveis dos agentes políticos. É válido sublinhar como uma das possibilidades de conquistar a *virtù* deve ser relacionada a promoção dos bons resultados, isto é, da manutenção do domínio. No capítulo VII de *O Príncipe: Dos principados novos que se conquistam com as armas e a fortuna de outrem*, podemos analisar como a vinculação entre *virtù* e *fortuna* se torna ainda mais evidente. A *virtù* remonta a posse de uma gama de habilidades, sobretudo, no que se refere à capacidade estratégica política. A definição categórica de *fortuna* e como ela age, nos permite analisar a habilidade dos agentes políticos que conseguem contê-la.

A capacidade de domar a *fortuna* se assemelha a fundação e, em especial, a manutenção do *stato*.³ Neste sentido, disserta Maquiavel: “a menos que – como já disse – aqueles que repentinamente se tornaram príncipes sejam de tanta *virtù* que saibam rapidamente preparar-se para conservar aquilo que a fortuna lhes colocou nos braços e estabeleçam depois os fundamentos que outros estabeleceram antes de se tornarem príncipes” (MAQUIAVEL, 2004, p. 28).

A conservação do que foi “oferecido” pela *fortuna* cabe, principalmente, aos príncipes “naturais” (hereditários), pois, bastam a estes príncipes apenas manterem os ordenamentos que são comuns a cidade (MAQUIAVEL, 2004, p. 5-6; POCOCK, 2021, p. 190). Os príncipes herdeiros ao contemporizarem as ações dos fundadores da sua região, bem como os seus sucessores: os príncipes que seguiram na esteira promovida por outrem, conseguem, no geral, manter o seu domínio sem grandes contrariedades. No poema *Di Fortuna*, Maquiavel prossegue sobre a *fortuna*:

³ Antes de avançarmos na pesquisa, faz-se necessário a determinação do conceito de “*stato*”. Esse conceito, basilar na obra de Maquiavel depende, em larga escala, de uma série de definições sobre a sua função, estrutura, ordenação, agir político, entre outros quesitos. De início, o *estado* pode ser equiparado, na obra de Maquiavel, a uma forma de governo, principado ou república, como também ser caracterizado como apenas uma cidade ou, até mesmo, quando seu domínio é extenso, como uma cidade-Estado. Essa identificação é atribuída, mormente, no que concerne às cidades que pertenceram a Itália renascentista dos séculos XV e XVI. A palavra “*stato*” pode também se referir ao estado atual das coisas, isto é, a conjuntura em que os agentes políticos, em especial os príncipes se encontram no que se refere à manutenção do seu domínio, isto é, do seu principado. Isto posto, podemos determinar que não havia no período das confecções das obras de Maquiavel um Estado como conhecemos hodiernamente.

se veem sentadas, acima das portas que jamais, como já se disse, são fechadas sem olhos e sem orelhas, Acaso e Sorte. Potência, honra, riqueza e saúde são os prêmios, por pena e dor, servidão, infâmia, doença e pobreza. Fortuna, o raivoso seu furor demonstra com essa derradeira família, aquela dá a quem ela tem amor (tradução nossa) (MACHIAVELLI, 2018, p. 2472).

Com efeito, torna-se possível analisar a imparcialidade da *fortuna*, sua causalidade e como as suas “paixões” mudam conforme às ações dos indivíduos. Em seu chamado à ação podemos observar como, além da prudência, a força é um requisito primordial para lidar com a *fortuna*. Sobre a relação entre a prudência e a *fortuna*, coloca Inglese: “Segundo as Palavras, o ‘nervo de todos os senhorios’ encontra-se no binômio elementar da força e da prudência, mas a prudência quase se resolve no conhecimento de que, para enfrentar ‘a variação da fortuna’, é preciso ‘empunhar a espada’” (2006, p. 15). Neste sentido, em uma das passagens mais marcantes sobre a *fortuna*, coloca Maquiavel:

é melhor ser impetuoso do que prudente, porque a fortuna é mulher, e é necessário, para dominá-la, bater-lhe e contrariá-la. Vê-se que ela se deixa vencer mais pelos que agem do que pelos que agem friamente; e, como mulher, é sempre amiga dos jovens, porque são menos prudentes, mais ferozes e a dominam com maior audácia (MAQUIAVEL, 2004, p. 122).

A associação entre *fortuna* e *virtù* se trata, de certo modo, de uma espécie de embate, ainda metafórico, entre gêneros (DE GRAZIA, 1993, p. 225). No caso, a mulher, deusa *fortuna*, apenas poderia ser dominada por um homem repleto de virilidade – *vir* – (DE GRAZIA, 1993, p. 225; SKINNER, 1996, p. 108; POCOOCK, 2021, p. 65), isto é, um jovem no auge das suas valências. A dominação é conferida devido a uma ferocidade que remonta a reprodução da natureza animal. Ainda no que se refere à imitação e a virilidade, Maquiavel, em *A Arte da Guerra*, coloca: “imitar os antigos em seu vigor viril e sua austeridade do que em seu luxo a frouxidão, naquilo que praticavam sob o ardor do sol do que naquilo que faziam à sombra! É na antiguidade, em sua vertente pura e antes que fosse corrompida, que é preciso ir haurir para copiar os costumes” (MAQUIAVEL, 2001, p. 19).

Em um período em que os indivíduos disputam, na maioria, a sua *fortuna* com a *fortuna* de outrem, não havendo, assim, espaço para escolhas livres; sem nenhuma forma de imposição, mas, sim, apenas a possibilidade de agir diante do que foi imposto. Além disso, segundo Bignotto: “o inimigo do homem não é, portanto, uma força misteriosa, mas sua própria ‘natureza’, que não se adapta facilmente à maleabilidade do mundo e ao fluxo infinito do tempo” (BIGNOTTO, 1991, p. 148).

Os conflitos, permanentes em todas as esferas da filosofia política de Maquiavel, se mantêm ditando a dinâmica da teoria do autor florentino. Dessa forma, argumenta-se, no que se refere à promoção de domínio, sobretudo, outra vez, nos principados, quais são os objetivos dos agentes dominantes, bem como, quais são as ações a serem promovidas

para o cumprimento dos seus desejos. A crença em uma entidade, bem como, no uso da religião, permite aos agentes políticos o início da construção do seu domínio. Todavia, nem mesmo o uso da poderosa religião é suficiente, se não houver a posse recorrente da *virtù*, para garantir a manutenção da autoridade.

CONCLUSÃO

A *fortuna* dos personagens políticos da filosofia de Maquiavel é disputada, como vimos, de forma direta entre os próprios personagens, sendo a posse da *virtù* e, por conseguinte, a glória, reservada aos vitoriosos desses embates. O conceito de *virtù*, secundário no presente artigo, tem grande parte de sua envergadura desenvolvida quando relacionado ao conceito de *fortuna*. A forma mais adequada de examinarmos essa relação, entre a *virtù* e a *fortuna* é por meio das ações dos agentes políticos inseridos no arcabouço teórico de Maquiavel.

Em nossa análise, a *virtù* é a capacidade do agente político de possuir uma gama de habilidades: excelência pessoal, cálculo e celeridade agir político, compreensão do contexto histórico vigente da época, capacidade de contemporizar, em partes, as ações dos bons exemplos da antiguidade clássica, entre outros fatores. Em síntese, os agentes políticos dotados de *virtù* conseguem vencer, em grande quadro, as adversidades “impostas” pela *fortuna*.

Em uma obra, O Príncipe, em que o êxito e a ruína de agentes políticos, bem como a sua relação com os signos da *virtù* e da *fortuna* são profundamente analisadas (NAJEMY, 2010, p. 110), as ações de personagens como César Borgia representam uma contribuição significativa para os novos príncipes, sobretudo em um período repleto de dificuldades singulares. Além disso, a *virtù* se apresenta aqui como a promotora da ocasião, isto é, o elemento que permite o agir político, independente da *fortuna*. Assim, agiu Rômulo em Roma, Moisés entre os hebreus, Ciro na Pérsia e Teseu em Atenas (NEDERMAN, 1999, p. 632).

A compreensão da *fortuna* como uma cosmologia se traduz em uma forma de crença que consiste em denominar o imprevisível. A *fortuna* se assemelha a uma espécie de religião em que há, dentre os cidadãos renascentistas, a crença na deusa pagã, mesmo na ascensão da religião cristã. Com efeito, ao usufruirmos da passagem dos séculos e por nos apoiarmos nos ombros dos gigantes, podemos esboçar o entendimento de que a indominável *fortuna* preenche os espaços em que a ação humana não consegue conter. A sua força se “materializa” quando não encontramos termos para definir os limites dos empreendimentos humanos. Todavia, o conceito de *fortuna* na filosofia de Maquiavel se mantém desafiando qualquer enquadro e, assim, disponibilizando recorrentes reflexões para o campo do comentário.

REFERENCIAS

AMES, J. L.. Metáforas da ação política e figuras de príncipe: uma tentativa de aproximação conceitual à noção de ação política em Maquiavel. In: Rafael Salatini; Marcos Del Roio. (Org.). *Reflexões sobre Maquiavel*. 1 ed. Marília: Oficina Universitária, v. 1, p. 89-108, 2014.

- BENEVENUTO, Flávia. A *virtù* do governante maquiaveliano e a tradição das virtudes cristãs. In: MAGALHÃES PINTO; BENEVENUTO, Flávia. (Org.). *Filosofia, Política e Cosmologia: ensaios sobre o Renascimento*. 1ed.São Paulo: Editora UFabc, v., p. 117-132, 2017.
- BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. Editora Loyola: São Paulo, 1991.
- DE GRAZIA, Sebastian. *Maquiavel no inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- FICHTE, J. *Pensamento político de Maquiavel*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Hedra, 2010.
- HALE, J. R. *Maquiavel e a Itália da renascença*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- HELLER, Agnes. *O Homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Ed. Presença. Lisboa, 1982.
- INGLESE, Giorgio. *Per Machiavelli L'arte dello stato, la cognizione delle storie*. Rome: Carroci, 2006.
- MACHIAVELLI. Di Fortuna. In. MACHIAVELLI. *Tutte le opere*. Secondo Edizione di Mario Martelli. Milano: Bompiani Il pensamento occidentale, 2018.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *A Arte da Guerra*. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2001.
- MAQUIAVEL. *A vida de Castruccio Castracani de Lucca*. Glossário e revisão técnica Patrícia Fontoura Aranovich. Tradução MF; edição de texto Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NAJEMY, John M.. Society, class, and state in Machiavelli's Discourses on Livy In. NAJEMY, John M.. *The Cambridge Companion to Machiavelli*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.
- NEDERMAN, Cary J. “Amazing Grace: Fortune, God, and Free Will in Machiavelli's Thought.” *Journal of the History of Ideas*, vol. 60, no. 4, University of Pennsylvania Press, pp. 617–638, 1999.
- PANCERA, C. G. K. Cosmologia em Maquiavel?. In. Fabrina Magalhães Pinto; Flávia Benevenuto. (Org.). *Filosofia, política e cosmologia. Ensaio sobre o Renascimento*. 1 ed. São Bernardo do Campo: EdU-FABC, v. 1, p. 183-228, 2017.
- PITKIN, Hannah. *Fortune Is a Woman: Gender and Politics in the Thought of Niccolò Machiavelli*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- POCOCK, J.G.A. *O momento maquiaveliano: o pensamento político florentino e a tradição republicana atlântica*. Trad. Modesto Florenzano. Niterói: EdUFF, 2021.
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- STRAUSS, Leo. *Reflexões Sobre Maquiavel*. Trad. Élcio Verçosa. São Paulo: Ed. É Realizações, 2015.

Bruno Alexandre Cadete da Silva. Doutor em filosofia pela UERJ. Atualmente é doutorando em ciência política pela UFF e realiza seu estágio de pós-doutorado em filosofia na UFS.

DOI: 10.26512/2358-82842023e56813

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).